

ALDO CALVET

TEATRO

SUBLIME MENTIRA

Drama romântico - Ato único
Adaptação livre sobre “ Fim de Penitência”
de Marcelino Mesquita

PERSONAGENS:

GISELA - mãe
CARMELA - filha
CONRADO - o noivo
JÚLIA - criada

CENÁRIO:

Sala de residência de família abastada.

ÉPOCA: 1928

AÇÃO: São Luis do Maranhão

TRECHOS:

“GISELA - Carmela, se tu soubesses, minha filha, com que orgulho te vejo e te ouço falar... O meu desvanecimento é enorme, pois é assim que sempre sonhei que fosses. Sempre quis que conhecesses o mundo e a vida...”

CARMELA - (Corta) Sem percorrer o mundo e sem experimentar a vida?

GISELA - O maior de todos os perigos para uma menina é a ignorância do mundo e da vida. Sobre essa ciência só existem uns lábios que podem dizer aos ouvidos de uma filha - os lábios de sua mãe. Somente os lábios da mãe podem despertar a alma sem corromper a alma. Entendeste?

CARMELA - Hunhum, hunhum. Escuto.

GISELA - As palavras da mãe fazem adivinhar o conteúdo sem revelar o sentido...

CARMELA - (Corta) Lembro desta frase - “ o seu amor santifica a lição”. Tantas vezes me disseste que decorei.

GISELA - Minha Carmela, a vida é como a medicina - se aprende nos outros. A vida é curta demais para se aprender na própria pele. Quando a gente chega a saber alguma coisa já se está à beira do túmulo.

ALDO CALVET

TEATRO

CARMELA - Só eu sei o quanto te devo. Viveste vinte anos como reclusa, longe de tudo, existindo para mim, só para mim. Tua vida era minha vida. Só uma santa é capaz de tamanho sacrifício. (Beijando Gisela) Eu te adoro. Eu te amo.

GISELA - A adoração e o afeto são recíprocos.

CARMELA - Já te perdoei por tudo. Mas é preciso dizer-te meu pequenino despeito...

GISELA - (Corta com certa apreensão) De mim? Despeito?!

CARMELA - Se tu, querida, me conhecias tão bem, e conheces mesmo, por que não me confiaste há mais tempo teu segredo?

GISELA - Covardia. Te juro. Covardia. Tentei algumas vezes mas recuava. Que estranho. Conhecendo-te, como te conheço, sabendo-te tão leal, tão generosa, com tudo isso, tinha medo...”

“CONRADO - Ela bem que poderia ter se casado novamente. (Bebe o café)

CARMELA - (Abstrata) Sim... podia. (Pensativa) Mocidade... beleza... fortuna...

CONRADO - (Depois de longa pausa e de observar Carmela pensativa) Carmela, tu estás bem? Estou te estranhando.

CARMELA - Estou bem... Não tenho nada... (Outro tom) Tive, hoje, uma notícia desagradável.

CONRADO - Não para ti nem para tua mãe, quero crer.

CARMELA - Para mim e para ela.

CONRADO - (Apreensivo) Que?!

CARMELA - Tenho uma amiga, que conheces, a Zuleide.

CONRADO - Sim. Fomos apresentados.

CARMELA - Era no colégio a mais bela da turma. Inteligente, comunicativa, adorável.

ALDO CALVET

TEATRO

CONRADO - (Apreensão) Não me digas que...

CARMELA - (Corta) Teve um grande desgosto. Recebi, hoje, uma carta de Zuleide. Ela reside atualmente em Teresina. A leitura da carta me deixou um mal estar. A vida é tão triste...

CONRADO - Mas... Carmela... estás me deixando apreensivo.

CARMELA - Zuleide não merecia a desilusão que sofreu.

CONRADO - Coisas do coração, é...

CARMELA - (Corta) Da nossa turma do Rosa Castro, Zuleide era a menos rica. O rapaz com quem ela ia casar, além de belo, tem uma grande fortuna.

CONRADO - Ia casar... Não vai mais casar?

CARMELA - Não.

CONRADO - O motivo deve ser grave...

CARMELA - (Corta) Nada. Fútil. Zuleide não era filha legítima. A mãe da Zuleide não pôde ou não quis legitimar o que chamam de união legal.

CONRADO - Bem... se não era casada, era união ilegal.

CARMELA - Pois bem, quando o futuro marido de Zuleide soube, desfez o casamento.

CONRADO - Fez bem. Muito bem.

CARMELA - Conrado, Zuleide é uma moça honesta, ativa. Quando a mãe dela deu o passo, Zuleide nem era nascida.

CONRADO - De qualquer modo, um rapaz da sociedade não pode ligar seu nome ao de uma moça que não tem nome, que tem, que usar o nome da mãe solteira perante o juiz, diante do altar.

CARMELA - Explica onde está a responsabilidade daz questão.

CONRADO - Na moral.

CARMELA - Mortal de quem?

CONRADO - De todos. Vulgar.

ALDO CALVET

TEATRO

CARMELA - Vulgar. Concordo - a de toda a gente, a do vulgo. Que não é a tua, creio; nem a nossa, estou certa. É a dos néscios.

CONRADO - (Entra na fala) Néscios?"

“CONRADO - (Conselheiral) Carmela, não podemos viver fora da sociedade.

CARMELA - Acho que podemos viver entre os homens e não com a moral deles.

CONRADO - (Desdenhoso) Que filosofia é essa...

CARMELA - (Corta) É a dos simples e a dos sábios. Viver entre os homens e não viver com os homens, é não assimilar o raciocínio deles. Ficar distante do raciocínio deles, entendes?

CONRADO - A verdade, minha querida, é que não podemos livrar do nosso nome uma situação amoral. Queremos que a mulher que passe a usar nosso nome tenha nome de família e seja respeitada e não fique aí sujeita a comentários suspeitos sobre filiação duvidosa.

CARMELA - De algum modo tens razão. Agora não vejo como o futuro marido de Zuleide perderia a reputação de seu nome desde que Zuleide se mantivesse honesta.

CONRADO - Mas a mãe de Zuleide, como tu mesma disseste, prevaricou...

CARMELA - (Corta) Generosa ilação.

CONRADO - É a condição irretorquível da sociedade.

CARMELA - (Arrogante) Oh, é a imbecilidade de uma comunidade rica e dominante.

CONRADO - Carmela, tu contestas tudo. A amizade de Zuleide chega a perturbar teu raciocínio. Compreendo. Ela tem razão em sofrer. Tu também sofres por causa dela. Agora, tudo isso não me força a mudar de opinião...

CARMELA - (Corta) Tua opinião é que...

CONRADO - Que o noivo de Zuleide fez o que tinha que fazer.

CARMELA - Acreditas mesmo?!

CONRADO - Não tinha outra atitude.

ALDO CALVET

TEATRO

CARMELA - Então, Conrado, só porque a mãe de Zuleide deu um passo errado, digamos assim, passou a levar uma vida de sacrifício, de total rec lusão, de um amor dedicado, que sei que assim foi, não basta para libertar a filha dessa falta que não lhe pertence?

CONRADEO - (Peremptório) É pouco. Muito pouco. Não basta.

CARMELA - Quer dizer que a sociedade não absolve a mãe e condena a filha?

CONRADO - Exato. Por uns pagam os outros.”